



O rádio como potencializador da educação ambiental informal: Uma investigação do programa “O meio ambiente no cotidiano” da rádio UFS¹

Matheus Pereira Matos Felizola²

Raquel M Carriço Ferreira³

Fernando Bastos Costa⁴

Resumo

Este trabalho visa tecer considerações sobre as possibilidades de utilização de temas relacionados com a questão ambiental como estratégia educativa, em especial para o campo da educação ambiental informal. O estudo perpassa pela experiência laboratorial, através de um projeto de extensão intitulado “O meio ambiente no cotidiano: educação ambiental na Rádio UFS” desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Comunicação Ambiental (LICA) da Universidade Federal de Sergipe. Levando-se em consideração que a EA é uma das mais importantes armas na discussão emergente da sustentabilidade planetária. Nesse sentido foi idealizada uma pesquisa, utilizando-se como arcabouço metodológico a análise do discurso, a partir de um roteiro analítico foi possível investigar o foco dos spots ambientais, bem como o formato do “ambientalismo” em tela, apoiado na visão de Viola. Foi possível concluir que os spots tendenciosamente tocam em aspectos globais e que o discurso predominante é apoiado nas visões preservacionistas e sócio ambientalistas.

Palavras- Chave: Ambientalismo, educação ambiental, rádio e sustentabilidade

I- Introdução

Pode-se dizer que, a partir do emblemático ano de 1992, a questão ambiental entrou na agenda de todos os países, e tornou um problema internacional, a questão ambiental deixou de fazer parte das discussões de pequenos grupos privilegiados intelectualmente e financeiramente, e tem mobilizado não apenas a sociedade civil organizada e os meios de comunicação de massa, mas os governos de todas as nações.

É possível afirmar, que a força que sustenta a defesa do meio ambiente provém. Dos processos de disseminação global de práticas correlacionadas com a difusão de

1 Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

2 Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Sergipe, e-mail: aracaju@infonet.com.br

3 Doutora em Televisão e Cinema pela Universidade Nova de Lisboa, Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Sergipe, UFS, email: raquelcarriço@gmail.com

4 Orientador do trabalho, Pós-Doutor pela Universidade de Valência, e professor adjunto da universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, email: fbastos@ufrnet.br



ideologias e conhecimentos desenvolvidos por movimentos ambientais organizados ou não, mas, embora a extensa agenda de discussões em fóruns internacionais e a própria mudança nas pastas governamentais tenham aumentado, esse avanço não resultou em um consenso em torno de soluções. Ao contrário, à medida que se ampliou e se aprofundou o debate, os conflitos se tornaram mais agudos e as soluções mais problemáticas do que se poderia imaginar 20 anos atrás.

Com o propósito de “testar” o efeito das mensagens educativas, e as dimensões das práticas ambientais, um grupo de professores e estudantes dos cursos de comunicação social da Universidade Federal de Sergipe, criaram em 2010 o programa “O meio ambiente no cotidiano: educação ambiental na Rádio UFS”, o programa tinha o objetivo de interação entre as práticas comunicacionais e a dinâmica ambiental. Contextualizando-se no entrecruzamento de demandas acadêmicas que se configuram como desafios importantes a serem enfrentados pelo curso de Comunicação Social de qualquer universidade.

O projeto veio ocupar um espaço necessário ao envolver os alunos em atividades de produção radiofônica voltadas para uma temática relevante em se tratando de conteúdo educativo. Afinal, vivemos hoje um momento de grande ebulição em torno de perspectivas sociais que colocam a questão ambiental como central em relação a qualquer modelo de desenvolvimento.

Este trabalho está inserido na proposta teórica dos estudos de processos da comunicação focando três eixos principais: Educação ambiental, o ambientalismo e a comunicação. Partir da concepção do processo comunicativo envolvido com a interação entre as outras áreas do conhecimento. O trabalho foi organizado da seguinte maneira, primeiramente, separando a educação ambiental formal, da não formal e perpassando pela educação ambiental informal. Depois foram apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como os resultados e análise da pesquisa propriamente dita, demonstrando assim as práticas inseridas no “modelo” de educação ambiental aplicado ao rádio.

II- Desenvolvimento

1- Tipologia da Educação Ambiental

1.1- Não Formal

A educação não formal é apontada na Política Nacional de Educação Ambiental em seu décimo terceiro artigo da seguinte forma: entende-se como a



educação ambiental não-formal, as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização na defesa da qualidade do meio ambiente. Ela é direcionada à comunidade, onde cabe uma grande diversidade de propostas, como por exemplo, a ação isolada em bairros com crianças e adolescentes, e as atividades junto aos trabalhadores da construção civil, ou ainda uma proposta educativa para os turistas de uma área de proteção ambiental.

Portanto, a educação ambiental não-formal busca a participação e a mobilização da sociedade em torno da necessidade de se fazer uso adequado dos recursos da natureza, controlar o desperdício de recursos e energias, controlar a poluição e a degradação ambiental e principalmente busca melhorar a qualidade de vida das comunidades.

A pretensa mobilização social, pode gerar conflitos entre o interesse coletivo e o individual ou de grupos sociais específicos, o interesse econômico e o ambiental, o interesse industrial e empresarial e a esfera pública, mas possibilita o debate e a definição de soluções negociadas. Quando isso ocorre a educação ambiental acaba atuando como instrumento para preparar as comunidades a fim de entender o conflito e buscar as soluções conciliatórias entre o desenvolvimento e o meio ambiente, ou seja, buscar o caminho do desenvolvimento sustentável.

De acordo com a percepção de Quintas (1995), a educação no processo de gestão ambiental busca-se o controle social na elaboração e execução de políticas públicas, por meio da participação permanente dos cidadãos, principalmente, de forma coletiva, na gestão do uso dos recursos ambientais e nas decisões que afetam à qualidade do meio ambiente. Esse formato participativo, deve privilegiar as reais necessidades da população e motivar a participação de grupos menos elitizados, como: Os pescadores, catadores de caranguejos, marisqueiras, ribeirinhos, produtores rurais, assentados da reforma agrária, grupos sociais afetados por impactos ambientais e/ou riscos ambientais e tecnológicos, grupos sociais residentes em unidades de conservação e no seu entorno, técnicos e gestores ambientais e outros segmentos sociais.

1.2 - Educação Ambiental Formal

A educação ambiental formal ou escolar constitui-se nos processos pedagógicos destinados à formação intelectual e ambiental dos indivíduos, através de conteúdos



formalmente organizados pelo sistema educacional, da escola infantil ao ensino superior. Esse processo deve ser interdisciplinar e precisa ser ministrado, obrigatoriamente, em todos os níveis de ensino. A educação ambiental formal ou escolar é aquela que deve ocorrer nas escolas ou através das escolas e seu principal agente são os professores.

A escola constitui um espaço extremamente rico para o desenvolvimento da educação ambiental, possibilitando a realização de inúmeros estudos na área, como por exemplo, a análise da imagem ambiental pelos atores sociais vinculados e as comunidades, a organização de projetos envolvendo a comunidade escolar e da atuação da escola no sentido de diagnosticar e propor soluções, para minimizar os problemas ambientais das mesmas e por consequência em toda a sociedade.

Afere-se do pensamento de Guimarães (2000) que as críticas sobre a inclusão do tema meio ambiente como um dos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) a implementação como política pública pelo MEC do Programa parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola (Brasil, 2001), e as recomendações do texto da Lei 9795/99 (Política Nacional da EA) nos levam a refletir sobre os desafios das Universidades na formação inicial e continuada de educadores para o processo de incorporação da Dimensão Ambiental (Guimarães, 1995) e, com ela, da educação ambiental, nos currículos do Ensino Fundamental e Médio e nas Universidades.

O artigo quarto da Política Nacional de Educação Ambiental, destaca o modo como a EA deve ser trabalhada na escola fundamental e aplicável a todas as situações formais, apresentando neste artigo os Princípios da Educação Ambiental no Brasil (Brasil, 1999, art. 4, inciso I-VIII):

- I - Enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II- A concepção de meio ambiente em sua totalidade, considerando a sua interdependência entre o meio natural, o meio socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III- O pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV- A vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V- A garantia da continuidade e permanência do processo educativo;
- VI- A permanente avaliação crítica do processo educativo;



VII -A abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais,nacionais e globais;

VIII- O reconhecimento e respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural
(Brasil, 1999, art. 4, inciso I-VIII)

Percebe-se a real necessidade de aprofundamento de orientação da educação ambiental, explicitando seus objetivos e firmando uma exigência para o desenvolvimento da compreensão integrada e uma consciência crítica da questão ambiental. Este processo só será efetivado pela prática democrática da vivência ambiental, devendo todos terem acesso às informações.

Segundo Vasconcellos (1997), a presença, em todas as práticas educativas, da reflexão sobre as relações dos seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seus semelhantes é condição imprescindível para que a EA ocorra. Dentro desse contexto, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, pois isso necessita de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar (DIAS, 2000).

Esta prática, quando realizada dentro da escola pode-se chamar, na opinião de Sobral (1995), de educação ambiental formal. É denominada assim, porque concilia a vivência do aluno com o conteúdo formal. O aluno ao adquirir uma visão crítica observa o que ocorre no ambiente e ao par disto, as manifestações destas ocorrências na sociedade.

Evidentemente, esta tentativa de proposta educacional é ainda bastante ampla e está clara a interdisciplinaridade das questões que ela abrange. Na opinião de diversos autores consultados, isso significa, necessariamente, que para o desenvolvimento de trabalhos dessa natureza, deve-se contar com professores que possam tratar de forma competente, coerente, os diferentes campos de conhecimentos aí implícitos.

A metodologia de ensino para acompanhar o desenvolvimento social, deve estar em constante interação para que possam auxiliar, o professor, na seleção dos conteúdos e direcionar a forma como ele possa ensinar e avaliar os alunos, somente desta forma, o ensino da educação ambiental propiciará ao professor e ao aluno, na ação



de ensinar e aprender, a real vivência dos procedimentos de investigação teórica e prática dos conteúdos ecológicos. Possibilitando assim ao aluno avançar, rumo a interpretação da realidade, então a participação do professor nesse processo é fundamental.

Partindo da visão de Sorrentino (1995) a educação ambiental deve:

- ↳ instigar os alunos a analisar e participar na resolução dos problemas ambientais da coletividade;
- ↳ estimular uma visão global (abrangente/holística) e crítica das questões ambientais;
- ↳ possibilitar um conhecimento interativo através de intercâmbio/debate de ponto de vista;
- ↳ propiciar um autoconhecimento, que contribua para o desenvolvimento de valores (espirituais e materiais), atitudes, comportamentos e habilidades.

Todos esses processos educativos, afirma o autor, devem estar voltados a recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida da nossa e de todas as espécies desta e das futuras gerações.

Nesse contexto geral, a temática ambiental emerge como uma possibilidade real e promissora de engajamento de professores e alunos em situações de ensino-aprendizagem, nas quais a problematização tem sido facilmente atingida, por envolver direta ou indiretamente, questões vitais para a própria sobrevivência de nossa espécie.

Os processos por meios dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial a sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999).

É possível afirmar que a educação ambiental é uma forma abrangente de educação que se dedica a atingir todos os indivíduos, na tentativa de inserir a variável meio ambiente em suas dimensões física, química, biológica, econômica, política e cultural, na teoria em todas as disciplinas e em todos os veículos de transmissão de conhecimentos. As diversas definições de EA variam de acordo com o enfoque dado pela área de conhecimento (biologia, geografia e ciências sociais).



1.3 - Educação Ambiental Informal

Antes de iniciar a discussão, é preciso fazer uma observação importante, independente do fato de alguns autores tratarem com diferenciação a educação não-formal ou informal, estamos tratando aqui da educação que nasce da necessidade de conscientizar os indivíduos para que se tornem atores atuantes e participativos na resolução desses problemas.

Na pesquisa, foi importante diferenciar as duas abordagens, simplesmente para gerenciar as percepções dos diversos autores, e contextualizar de forma didática a discussão, embora na opinião do grupo tanto a educação não formal com a educação informal partem do mesmo princípio lógico.

As iniciativas de educação informal, considerando sua abrangência, através de informativos, da mídia entre outros, têm sido de fundamental importância. Para Rosa (2000), a Educação informal é aquela que é transmitida por veículos de comunicação e embora sejam meios coletivos agem em cada um dos indivíduos de uma forma muito particular. É um processo que não está em formato de curso, mas pode dentro de um conjunto de apresentações distintas (tipo propaganda de detergente de louça na tv ou rádio) induzir à assimilação de comportamentos ou atitudes.

A educação ambiental Informal, geralmente atua com campanhas populares, muitas vezes amadoras, que tem como objetivos a geração de uma nova consciência em relação aos problemas ambientais e a conseqüente sensibilização para a preservação dos recursos naturais (fauna, flora, rios, matas etc.), bem como prevenção de riscos de acidentes ambientais e correção de processos degenerativos da qualidade de vida na terra (poluições do ar e da água, enchentes, chuvas ácidas, aumentos de temperatura ambiente etc.). A educação ambiental Informal em seu processo primário de divulgação, na maioria dos casos, necessita da utilização de técnicas de marketing ambiental, inclusive quando da identificação e percepção desses problemas ambientais, de forma que utiliza bastante os meios de comunicação de massa.

A educação ambiental informal constitui, com todos os processos destinados a ampliar a conscientização pública sobre as questões ambiente e através dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, rádios, e televisão), sistemas de informatização

(Internet), bancos de dados ambientais, além de bibliotecas, videotecas e filmotecas especializadas.

Incluem-se ainda peças publicitárias utilizadas com finalidade didática ou informativa, como livretos, cartazes, folders, boletins e informativos destinados à informação e sensibilização da sociedade sobre as questões ambientais. Ademais, outras formas de manifestação e de expressão humana também devem ser contempladas em atividades de EA (canções, poemas, poesias, contos, esculturas, pinturas, dentre outras). Não necessariamente se constituem em objeto da pedagogia ambiental no seu sentido usual, mas são valiosos enquanto instrumentos de sensibilização por exprimirem no campo das emoções e dos sentimentos as percepções das pessoas em relação ao meio ambiente.

1.4- Limitação da educação ambiental informal

Para a execução de um programa de educação ambiental informal que alcance os seus objetivos de tratar do tema enfocado de uma forma eficiente e prática, se faz necessário a elaboração do perfil ambiental da comunidade, grupo ou instituição para o qual será planejado, executado e avaliado o projeto ou programa de educação ambiental. É nessa fase que se deve fazer uma pesquisa de percepção ambiental através das técnicas estatísticas da amostragem aleatória, colhendo informações comportamentais e atitudinais que irão gerar subsídios tanto quantitativos quanto qualitativos para tomadas de decisões nas fases de definir prioridades, objetivos e estratégias pedagógicas e de ação.

Para Piaget (1976), considera que a origem do conhecimento está na ação do sujeito quando interage com o objeto e como o objeto depende das estruturas mentais que ele possui num determinado momento. Ainda de acordo com o autor “o desenho é uma representação, isto é, ele supõe a construção de uma imagem bem distinta da percepção, pois, só representa uma imagem bidimensional. Crê-se que o desenho seja mais complexo que a imagem interiorizada do objeto”.

É dentro desta lógica, que os professores, podem desenvolver um aprendizado com o próprio ambiente: observando o uso e a ocupação dos espaços, fazendo daí entender os fenômenos que estão em pauta naquele ambiente e que explicam sua configuração, suas formas, sua morfologia. Com isto, é possível apontar para as alternativas de projeto de educação ambiental nas escolas municipais,



mais adequadas para o planejamento da continuidade da vida naquele ambiente, essa interação entre o meio, escola e comunidade é fundamental para um melhor entendimento.

Segundo Tuan (1980), preparam-nos, primeiramente, a compreender nós mesmos. Sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos. E os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos.

Na ótica de Sauv   (2004) um enfoque interdisciplinar, implica necessariamente na abertura a vários campos do saber, para a partir da   enriquecer a análise e a compreensão das realidades complexas do meio ambiente. Um enfoque desse tipo facilita o desenvolvimento de uma visão sist  mica e global das realidades. Desde o ponto de vista sist  mico e principalmente da realidade local.

Ainda segundo o autor a educa  o ambiental em sua completa dimensão,    caracterizada por uma grande diversidade de teorias e práticas que abordam diferentes pontos de vista da concep  o da educa  o, do meio ambiente e do desenvolvimento social e da sua rela  o com a educa  o ambiental.

Abstra  mos dessa afirma  o, a importância de compreender qual a percep  o que o educador tem em rela  o ao meio ambiente e principalmente observar como essa percep  o influencia na suas práticas cotidianas em sala de aula.

Na percep  o de Sato (2001) as representa  es sobre o meio ambiente são múltiplas. O que aceitarmos como verdadeiro e adequado às circunstâncias locais, determinar   nossas a  o  es no campo das rela  o  es que se estabelecem entre o ser humano e a natureza, mediatizada pelos complexos sistemas sociais.

III - Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Para o corpus da pesquisa, foi efetivada a análise de 12 spots gravados entre os meses de janeiro e abril de 2011, com temas variados, o objetivo principal na análise foi identificar a possível corrente ambientalista empregada no processo de educa  o ambiental informal, e discutir como esse discurso se configura com uma prática cotidiana.



O projeto tinha em sua base conceitual, a premissa da criação de spots, que são peças radiofônicas publicitárias de 30 a 60 segundos de duração. O objetivo era produzir um mínimo de quatro spots por mês, alimentando regularmente o espaço da Rádio UFS destinado à publicidade educativa.

A proposta do projeto, é que entre os meses de agosto de 2010 e Julho de 2012, sejam produzidos aproximadamente 40 spots, com temas diversos relacionados com a coleta seletiva, preservação dos mares e rios, alimentação saudável, produtos orgânicos, poluição do ar, poluição sonora etc.

A pesquisa foi realizada em três etapas, a saber: 1) Coleta dos spots gravados entre janeiro e abril de 2011 ; 2) Categorização ambiental de cada spot; 3)Análise de conteúdoe morfológica (estrutural).

Para apurar o tratamento dado pelo projeto aos temas ligados diretamente ao estudo, fez-se uma análise qualitativa nas matérias relacionadas ao assunto, sendo utilizado em seguida um roteiro próprio que permitiu registrar aspectos específicos de interesse do estudo.

O roteiro embora simples, foi decisivo para identificação do perfil de cada abordagem travada.

Roteiro

- 1- Qual o assunto ambiental principal abordado no Spot?
- 2- O spot trata de dados locais (do Brasil), globais (não foca um país específico), ambos, ou internacional (especificamente outro país que não o Brasil)?
- 3- O spot utiliza a fala de especialistas em meio ambiente (ainda que especificamente do aspecto ressaltado na matéria)?
- 4- Só expõe fatos, mostra a importância de se ter atitudes em prol da preservação ambiental ou ensina maneiras de preservar o meio ambiente?
- 5- Traz opiniões únicas em relação ao assunto ou expõe opiniões contrárias?
- 6- Seu contexto de um modo geral ao fim da matéria deixa uma sensação de: Medo, preocupação, orgulho, culpa, responsabilidade, esperança, impotência ou algum outro?

Partindo da definição de conhecidos pesquisadores da esfera ambiental no Brasil os autores Viola e Leis..Ao analisarem a oficialização do ambientalismo na década de 1980, verificaram a existência de oito setores principais, cinco que eles haviam identificado em 1992 e mais três percebidos em trabalho de 1995, a análise foi fundamental para a tipificação do “ambientalismo”



- o Ambientalismo stricto sensu: as associações e grupos comunitários ambientalistas, que agora diferenciam-se em três tipos (profissionais, semiprofissionais e amadoras) e atingiram um total de aproximadamente setecentos em 1989;
- o Ambientalismo governamental: as agências estatais do meio ambiente (no nível federal, estadual e municipal);
- o Sócio-ambientalismo: as organizações não-governamentais, sindicatos e movimentos sociais que têm outros objetivos precípuos, mas incorporam a proteção ambiental como uma dimensão relevante de sua atuação;
- o Ambientalismo dos cientistas: as pessoas, grupos e instituições que realizam pesquisa científica sobre a problemática ambiental;
- o Ambientalismo empresarial: os gerentes e empresários que começam a pautar seus processos produtivos e investimentos pelo critério da sustentabilidade ambiental;
- o Ambientalismo dos políticos profissionais: os quadros e lideranças dos partidos existentes que incentivam a criação de políticas específicas e trabalham para incorporar a dimensão ambiental no conjunto das políticas públicas;
- o Ambientalismo religioso: as bases e representantes das várias religiões e tradições espirituais que vinculam a problemática ambiental à consciência do sagrado e do divino;
- o Ambientalismo dos educadores (da pré-escola, primeiro e segundo graus), jornalistas e artistas fortemente preocupados com a problemática ambiental e com a capacidade de influir diretamente na consciência das massas.

IV - Resultados e análise da pesquisa

O primeiro ponto analisado foi o assunto ambiental principal que cada spot abordava. A maior parte dos spots estudados, relacionava o problema ambiental, com uma real e necessária mudança de atitude do homem, com clara pretensão socioambiental, pois o humano foi encarado como responsável pela problemática ambiental. Afere-se essa premissa a partir da abordagem do spot de janeiro intitulado “Dicas de Economia – Plante uma árvore ”, em determinado momento é explicitado “Plante uma árvore no seu jardim. Afinal, uma árvore absorve uma tonelada de gás carbônico durante toda a sua vida.”

Os preservacionistas, no geral, defendem que para conservar a natureza é necessário demarcar áreas naturais e mantê-las sem qualquer tipo de intervenção humana, enquanto que os sócio ambientalistas, embora respeitem a visão da demarcação

ambiental, também entender a visão dos resultados trabalhados junto às populações, sem expulsá-las das áreas protegidas ou impedir o acesso aos seus recursos.

Ainda em Janeiro, outro spot gravado colocava o homem como pauta central, o texto chame a atenção para o tema “Dicas de economia” o que é possível identificar é o intuito de chamar a atenção para “aproveite esse tempo ocioso das férias e se dedique a alguma pratica ambiental. Certamente há na sua cidade uma cooperativa ou Organização Não Governamental precisando de novas idéias e voluntários”. Novamente percebe-se a visão socioambientalista no texto em questão, o homem deve interagir com o seu semelhante, na procura de soluções para a problemática ambiental. A questão do consumo consciente foi o ponto mais abordado durante toda a pesquisa, diversos spots relacionavam o consumo consciente com a questão do acúmulo do lixo, da limitação aquática e com a diminuição de desigualdades universais.

Observa-se uma tentativa de induzir o ouvinte, para uma prática muito comum, que seria o ambientalismo combativo, político ou profissional das organizações não governamentais, embora o spot não desenvolva a ideia de forma mais aprofundada, foi possível perceber que existia uma potencialidade relacionada com o tema em questão. Essa leitura aproximaria o spot novamente a uma corrente socioambientalista, pois a própria profissionalização do ambientalismo é tema recorrente em discussões.

Na análise dos spots, não foi observada nenhuma inclusão de temas relacionados diretamente com a temática ambiental local, um dos assuntos principais abordados foi o “ Dia do planeta terra”, spot gravado no mês de Abril. No mês anterior, mais precisamente no dia 22 de março foi gravado um spot relacionado diretamente com o Dia Mundial da Água, algo muito comum em se tratando a problemática ambiental, pois as ong’s criam em países periféricos suas subsedes , então começam a atuar como uma mistura de ONG e movimento social organizado.

Também ficou evidente, que o “discurso” da EA formal e não formal basicamente não teve espaço nos spots ambientais, pois as temáticas quase sempre pertenciam a temas relacionados com o cotidiano, e não tivemos privilégio de nenhum grupo ou nicho específico. Nenhum professor de licenciatura, que normalmente está envolvido com o tema, foi convidado para lançar sua ideia através do espaço, em nenhum spot foi registrada a ideia do “modo de fazer” ambiental. Em um dos spots foi possível perceber a ideia da coleta seletiva de lixo, mas não foi um spot didático

explicando o sentido de cada cor na coleta, apenas surgiu a proposta de trabalhar a reciclagem de lixo.

Observando o discurso dos spots, foi possível identificar que não houve em nenhum spot a “voz” do especialista. Em relação a abordagem ambiental, a maioria dos spots tenta “ensinar” práticas ligadas a um mundo sustentável. Outra questão importante abordada foi a análise de opiniões contrárias, em nenhum spot duas ou mais correntes filosóficas ou teóricas foram convidadas a debater, não houve uma frase de fechamento solicitando que o ouvinte analisasse cada ponto das ideias e chegasse a sua própria conclusão, o que ocorreu foi apenas um discurso enquanto dominante do processo comunicativo, e o recado assinado pelo laboratório, deixando claro qual a opinião do grupo.

Finalizando a análise, se observou um sentimento de culpa e responsabilidade na maioria dos spots estudados, em um spot de março ficou evidente esse sentimento “não espere o dia 22 de março para lembrar a importância de preservar a água”.

IV- Considerações finais

Observa-se através da análise que o projeto reforça o pensamento preexistente de informar através de uma prática conceitual o tema sustentabilidade como motriz principal, pois os seis spots investigados acabam de alguma forma tendo uma ligação direta com o discurso da sustentabilidade.

Partindo do pressuposto que a educação ambiental informal, está inserida diretamente no atingimento de todos os segmentos da população como grupos de idosos, jovens, trabalhadores, políticos, empresários, associações de moradores, profissionais liberais e outros, focalizada nas práticas educativas voltadas para uma sensibilização e mobilização da comunidade em ações que visem à melhoria da qualidade do meio ambiente, promovendo a transformação cultural. Podemos afirmar, que o projeto analisado cumpre seu objetivo, pois trata-se de uma ferramenta importante de divulgação do discurso ambiental.

Partindo da análise de VIOLA (1991), percebe-se que o projeto acaba fazendo uma mescla, entre o ambientalismo eminentemente focado nos educadores ambientais e um ambientalismo apoiado na visão de cientistas, entretanto, é possível perceber também a forte influência do socioambientalíssimo nas campanhas internacionais promovidas e patrocinadas por organizações não governamentais internacionais.



Uma conclusão também importante é que não é possível mais falar de um tipo específico de ambientalismo, pois a junção de ações de marketing ambiental associadas ao discurso político e dos meios científicos, provoca o surgimento de um ambientalismo híbrido sem uma identidade visível e com uma pretensa crise de identidade.

No geral, a proposta do trabalho contempla uma das premissas da educação ambiental, que a reflexão dos problemas do meio ambiente e o convite para interagir com a problemática, entretanto as pautas comumente acabam tocando e pontos globais, desmerecendo os anseios locais, isso gera uma diminuição do impacto da mensagem, e principalmente das suas conseqüências em curto espaço de tempo.

Um grave problema identificado foi a ausência de pesquisas na própria rádio UFS, que venham a identificar qual o público alvo da emissora, a rádio não tem qualquer noção da quantidade de pessoas impactadas, nem mesmo qual a faixa etária, sexo, classe social, até mesmo em se tratando do seu alcance, existem dúvidas em relação ao potencial do sinal, esses fatores, acabam prejudicando o andamento do projeto, pois não permitem uma real identificação da linguagem mais adequada para atingimento do público.

O rádio demonstrou sua potencialidade enquanto formado de opinião, por ser um meio quente e com fácil penetração nas classes mais humildes, o projeto consegue atingir demandas que até então pareciam inatingíveis em se tratando de uma pretensa educação ambiental. Um dos principais problemas detectados no projeto, foi a falta de interatividade com a população, que pode ocasionar uma desmotivação a longo prazo, o formato de spots publicitário, talvez deixe o programa estático.

V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Política Nacional do Meio Ambiente**. Lei n.º 9.795, 27 de abril de 1999.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto**. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. Exposição de motivos ao encaminhamento das diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: CNE, 1997.

DIAS, G.F. **Educação Ambiental: Princípios e práticas**. 5 ed. São Paulo: GAIA. 2003.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Educação Ambiental - Temas em Meio Ambiente**. Duque de Caxias: Unigranrio, 2000.



PIAGET, Jean. **A equilibrção das estruturas cognitivas**. Trad. Marion Merlone dos Santos Penna. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

QUINTAS, J.S.; GUALDA, M.J. **A Formação do Educador para Atuar no Processo de Gestão Ambiental**. IBAMA, Série Meio Ambiente em Debate nº 1 - Brasília. 1995.

ROSA, A.C.M. da; LEITE, A.L.T. de E.; SANTOS, E. da C.; QUINCAS, J.S. **Educação Ambiental: curso básico à distância**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, v.1: MMA, 2000.

SATO, Michèle. **“Debatendo os desafios da educação ambiental”**. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRÓ-MAR DE DENTRO. Anais.. Rio Grande, 2001

SAUVÉ, Lucie. **Perspectivas curriculares para laformación de formadores eneducación ambiental**, Carpeta Informativa Ceneam, November,2004

SOBRAL, H.R. **Educação Ambiental e a Experiência do Município de São Paulo**. In: Cadernos do III fórum de Educação Ambiental, Org. Marcos Sorrentino, Rachel Trafber, Tania Braga. São Paulo: Gaia, 1995.

SORRENTINO, M. **Educação Ambiental e a Universidade um Estudo de Caso**. Tese de Doutorado UFSC. São Paulo: 1995.

_____. **Crise Ambiental e Educação** in QUINTAS, J. S. (Org.) Pensando e Praticando a Educação Ambiental na **Gestão do Meio Ambiente**, Coleção Meio Ambiente3, Brasília, IBAMA,2000. p93-104.

_____. **Educação Ambiental, Participação e Organização de Cidadãos**, Em Aberto, Brasília, vol 10, n.49, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980

VASCONCELLOS, H.S.R. **A pesquisa-ação em projetos de Educação Ambiental**.In: PEDRINI, A.G. (org). Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis, Vozes, 1997.

VIOLA, Eduardo. O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvimentosustentável<http://www.memoriadomeioambiente.org.br/biblioteca/download/viola.doc>, acessado em 05/05/11.